

ANO VI
1943
1919
PREÇO 300

DIÁRIO POPULAR

LISBOA
2ª feiz.
2
Fevereiro

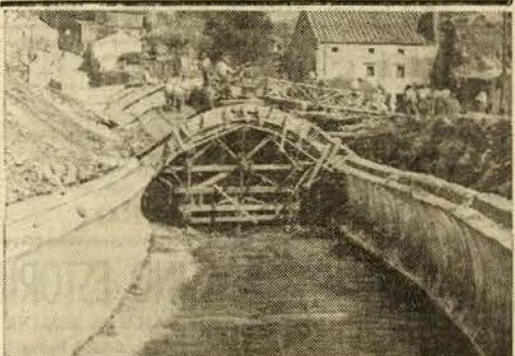
Director: LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

Editor: R. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Redacção, Administração e Oficinas: Rua Luz Soriano, 67 — Telefonos: 2 9201/2/3 — Telegramas: «Popularg»

NOVOS ASPECTOS DE LISBOA

A «VALA ABERTA» DO «CANEIRO DE ALCANTARA» DESAPARECERÁ POR COMPLETO

NO FIM DO CORRENTE ANO COM O NOVO COLECTOR EM CONSTRUÇÃO



Uma das mais adiantadas fases da construção do novo colector

A Ribeira de Alcantara, conhecida mais vulgarmente pelo «Caneiro de Alcantara», funciona como colector geral das redes de esgotos de grandes zonas urbanizadas de Lisboa, nomeadamente as Avenidas Novas, Campo de Ourique, Estrela, etc. — mais de metade da área da capital. Com os seus 10 quilómetros de extensão, ao longo da falda oriental da Serra de Monsanto, desde as alturas da Palagueira até ao Tejo, o «Caneiro de Alcantara» possui a bacia hidrográfica mais extensa do sistema de saneamento de Lisboa. Para se avaliar da sua grandeza, bastará dizer-se que ela

abrange uma área de 47 quilómetros quadrados. A canalização do «Caneiro» constituiu, sempre, um grave problema. Já em 1880 o engenheiro Ressano Garcia, ao elaborar os estudos da rede de esgotos da cidade de Lisboa, previa um sistema de canalização para o referido «Caneiro», apesar de nessa altura os esgotos correrem para os limites da capital. Como os esgotos corriam em «vala aberta», resultaram dessa circunstancia inconvenientes graves para a saúde publica. Autorizados higienistas apontaram, durante muito tempo, o «Caneiro» como o foco de epidemias na cidade. Alguns casos graves, com efeito, foram causados pelo facto dos esgotos correrem em «vala aberta» (ou em «seu aberto», como querem os técnicos) numa grande extensão.

«Para grandes males, grandes remédios...»

O problema tinha que encontrar as justas medidas. A Camara Municipal, no plano das suas grandes realizações, encarou-o convenientemente, e resolveu acabar com a vala, construindo um sistema de canalização.

O troço que está a ser construído, com o comprimento de três quilómetros, compreende uma linha que vem da estação de Alcantara

(Continua na 3.ª pág.)

NOTA OFICIOSA DO MINISTRO DA GUERRA

O gabinete do Ministro da Guerra forneceu à Imprensa a seguinte comunicação:

Numa espécie de panfleto, que presentemente se distribui pelo País e que pretende ser cópia textual de uma exposição feita à Assembleia Nacional por um graduado miliciano, convocado para serviço e detido na Casa de Reclusão do Governo Militar de Lisboa, aguardando a conclusão de um processo disciplinar que lhe foi movido, são arguidos os serviços do Ministério da Guerra e o próprio Ministro de não promoverem e possivelmente até impedirem o tratamento de presos portadores de doenças graves e que podem conduzir a uma morte certa se não lhes for prestada a tempo a devida atenção.

Segundo o documento, em dos casos já verificados teria sido fatal e as razões ou «fins bem claros» deste procedimento consistiriam na tentativa ou no propósito deliberado de eliminação de pessoas que, pela sua situação oficial ou casual, tiveram oportunidade de tomar conhecimento das animosidades do Ministro da Guerra

(Continua na 12.ª pág.)

A UNIDADE DA EUROPA PRECONIZADA pelo Partido Trabalhista

LONDRES, 1. — O Ministro da Guerra, Shinwell, falando na qualidade de presidente da Comissão Executiva do Partido Trabalhista, declarou:

«A unidade que constitui o objectivo do Partido Trabalhista é a unidade mais ampla possível de todas as nações europeias, sem excepção».

Shinwell acrescentou:

«E' um pouco desanimador ver que os nossos amigos da Europa Oriental consideraram até agora impossível juntarem-se a nós para o efeito do nosso programa de reconstrução. A porta continua aberta, todavia. A Europa foi, no passado, uma unidade económica. Pode voltar a sê-lo». — (A. F. P.)

COMO FUI EXPULSO DA RUSSIA — 6

O FORTE ANTI-SEMITISMO NO PAIS DOS SOVIETES

Por ROBERT SOMMER (Especial para o «Diário Popular» por acordo com o «France-Soir» de Paris)

A similitude de processos entre o regime soviético e o regime hitleriano torna-se cada vez mais flagrante e disso dão conta, especialmente, os que conhecem a Russia. Divergindo nos princípios, coincidem um com o outro nos actos. E não é dos aspectos menos singulares desse paralelismo, que o anti-semitismo floresça actualmente na Russia, do mesmo modo que prosperou na Alemanha nos tempos do III Reich. E' um facto evidente e notório.

Convém notar que essa tendência se accentuou depois da subida ao poder de Estaline. Surpreen-

deria que este fosse pessoalmente anti-semita, pois casou com uma irmã do judeu Kaganovitch. Mas o seu Estado totalitário não tolera o inconformismo dos judeus. Os judeus russos da Ucrânia são refractários a toda a comunidade soviética e, além disso, profundamente religiosos. Estas duas razões bastam para os fazer considerar como traidores num país onde o sectarismo atinge formas ex-

(Continua na 9.ª pág.)

O THEATRO EM PORTUGAL

A SITUAÇÃO

DOS AUTORES NOVOS NO THEATRO LIGEIRO

VISTA POR JOÃO FRANÇA

AUTOR DA OPERETA «ZÉ DO TELHADO»

Quem quer apanhar João França tem de o tentar de madrugada, altas horas, quando nas ruas não se vê viv'alma. A noite deslumbrava-o. Sobre tudo o silêncio e as luzes vagas dos candeeiros de gás, que ainda existiam em certos bairros. Se estiver uma pontinha de nevoeiro, tanto melhor. De resto, fecha-se em casa. Não gosta do eslate de noite. Então, anda, á doída, por toda a parte, vagarosamente, a olhar as estrelas e as janelas. Para lá das janelas é que está a verdade, que para ele, só existe, de noite.

No fundo — é um poeta. Um poeta e um humorista, um humorista ás vezes amargo, contudente, subtil e perigoso como a lamina de uma espada. O maior êxito das ultimas dezenas de anos, no

theatro ligeiro, é dele, dóa a quem doer, quer queiram quer não, com o seu «Zé do Telhado», que esteve mais de cinco meses em cena, no Avenidas, e fez uma larga carreira na provincia. Portanto,

(Continua na 3.ª pág.)



PECO A PALAVRA SIMBOLO

Pelo prof. DELFIM SANTOS

Nos debates do Jardim Universitário de Belas Artes que se estão realizando perante numerosa e interessada assistência, foram tratados alguns pontos de summa importância para a compreensão do que é a «obra de arte». Aparentemente parece ociosa a questão, mas realmente não é. E se outras consequências mais importantes não surdissem da discussão, esta era já digna de ponderação: que nem sempre é realmente fácil o

que a tantos se afigura óbvio e simples. Toda a gente julga saber o que é uma obra de arte e muitos julgam saber o que é Arte. Todavia, quando se requer a compreensão

(Continua na 9.ª pág.)

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

DESPORTO

A CASA DA COMARCA DE ARGANIL

SIMBOLO



A categoria de honra do Sport Clube de Vila Real, que comanda a Zona A

II DIVISÃO

(Continuação da 5.ª pag.)

Antes) E ao Clássico de Alcaboa tanto bastou uma vitória pela tangente sobre o Ferroviários (2-1) para ascender ao quarto posto (11 pontos).

Naz Zna, o Barreirense, vencedor do campeonato (3-0), firmou-se na vanguarda (19 pontos), em consequência da derrota inesperada do Oriental...

Vila Real-Salgueiros	8-0 (5-2)
Sanjoanense-Famalicão	1-2 (1-2)
Leixões-Vianense	4-1 (3-2)
Oliveirense-Académico	10-2 (1-3)

Zona B:					
Sporting Covilhã-Leões	4-2 (2-1)				
S. L. Viseu-Union Colmbra	4-2 (1-1)				
S. L. C. Branca-Naval	7-1 (5-2)				
Alcaboa-Ferroviários	2-1 (1-1)				

Zona C:					
Casa Pia-Barreirense	6-3 (1-5)				
Onze Unidos-Oriental	9-0 (4-3)				
Cluf Barreiro-Operário	9-0 (4-3)				
Luso-Futebol Benfica	1-1 (4-2)				

Zona D:					
Portimonense-Union Mont.	2-0 (0-3)				
Companhoen-Portalegrense	2-0 (2-3)				
Desp. Beja-Boa Esperanca	1-1 (3-1)				
Ath. Moura-Lusitano	2-4 (3-6)				

ELVAS-BENFICA

(Continuação da 4.ª pag.)

duas ocasiões mais. No quarto, Julio voltou a ser o melhor. Corona foi escolhido mais vivo do que Arsenal. Mellou expugnou um tanto o Benfica, mas sem jeito esforçado, manteve-se indolente.

FALTA DE EXPEDIENTE NO ELVAS

O grupo do Elvas não pôde sustentar o começo vivissimo do Benfica. Rebelo e Sousa não aquarelaram, de pronto, tal andamento e a defesa estranha não poderia livrar-se sem empedimento com boa inspiração e se fosse propicia a grande movimentação. Mas toda a defesa mostrava falta de expediente. Lance que exigisse rapidez de pensamento e acção não foi realizado! Os flancos davam-se a cada momento e Semedo, talvez por deprimido por ver essas foegas dadas pelos seus ajudantes de defesa, não guardou a seriedade necessaria para terficar o Benfica...

IMPRENSA

Foi agora publicado o primeiro numero do quinzenário "Bola de Neves", boletim da Caixa Recreativa do Santarém Sousa Martins. É uma interessante publicação que aconselha a fraternidade a todas as dones daquelle estabelecimento e constituiria simultaneamente um entretenimento e um instrumento de união entre os seus leitores. É dirigido pelo engenheiro A. Martins da Silva e tem como redactor F. Morcia Lopes, a quem se deve, segundo o editoral do primeiro numero, a iniciativa e principal trabalho da publicação de "Bola de Neves".

OFERECE UMA FESTA DE HONRAGEM AO DIRECTOR e aos colaboradores da APA

A Agência de Publicidade Artística — APA — transmite, há pouco de dois annos, o primeiro programa de uma série numerosa e multiforme de diversões radiofonicas, de carácter publicitário, transmitidas pelo Rádio Clube Português. A secção principal dessas emissões é a hora de variedades, denominada «Anuncios e Canções», que, pontualmente, se realiza em volta das segundas-feiras...

COMO FUI EXPULSO DA RÚSSIA

(Continuação da 1.ª pag.)

tremas e onde a religião, qualquer que ella seja, é combatida implacavelmente, sob aparências hipócritas de tolerancia. Assim, o anti-semitismo que era na Alemanha questão de principio e de raça, tornou-se na Rússia questão de politica e de religião. E, tanto nun como noutro caso, traduz-se por violencias e injusticias sem nome.

Em 1942, o comissário do povo para a guerra Tcherbakov foi afastado por ser judeu, qualidade que o tornava indesejavel aos olhos do Exercito Vermelho, sem duvida o organismo mais anti-semita do regime. Mas tudo isso não passava de sinais de aviso que só afectavam personalidades em evidencia. Mais tarde o movimento ampliou-se e actualmente todo o pais está sob uma vaga de anti-semitismo.

Os primeiros sintomas observados, os eu quando em Junho de 1940 as tropas de Policia soviética do Norte e a Bessarabia. As prisões em massa habituais começaram logo em seguida, mas entre as pessoas mais visadas encontravam-se os judeus! Os sionistas e todos os que pertenciam a Partidos politicos que não fosse o comunista, foram immediatamente enviados para a Sibéria. Os outros a que não era possível attribuir qualquer accção, mas que possuíam alguns bens, seguiriam o mesmo destino com os pretextos mais diversos. E escusado será dizer que os seus haveres foram confiscados em beneficio dos chefes do Partido vindos da Rússia...

(Continuação da 1.ª pag.)

o adequada expressão do squido que eleva uma obra á dignidade de «obra de arte», algumas difficuldades surgem bastante insuperáveis e estranhas para os que julgam o problema de fácil solução. E o artista, porque é artista e não artífice, sente a mesma difficuldade, ou ainda difficuldade maior.

Logo na primeira sessão, Santa, na Dionisio, propondo o tema, fez a seguinte affirmação: a obra de arte tem de possuir implicito ou explicito algum sentido simbólico. Isto equivale, porém, a dizer que o essencial em arte é o simbolo e que sem este a obra não é propriamente obra de arte.

E a primeira tem de ser esta: dado que o tal sentido simbólico não pertence exclusivamente á arte, que nas primeiras fases de vida do homem a própria percepção se organiza simbolicamente, que a palavra é por natureza simbólica como qualquer outra forma de comunicação...

Quando um ano depois começou a guerra contra a Alemanha, a que restava de judeus no pais foi praticamente eliminado. Com o pretexto de os poupar aos bombardeamentos aéreos, as autoridades soviéticas levaram-nos para longe. Muitos foram acabar os seus dias na Sibéria, sem se terem despedido das familias.

Os alemães qualificavam os judeus de «comunistas» e os comunistas qualificavam-nos de «capitalistas», accusando-nos de «capitarem vendidos aos americanos». Houve tempo em que na Rússia chamar a alguém «judeu» (judeu) com a intenção de o injuriar era punido com três a cinco meses de prisão.

Na vida social os judeus estão actualmente relegados para um plano inferior. Embora desempenhando funções identicas produzindo o mesmo trabalho, o judeu não goza das mesmas regalias que os outros assalariados. A sua admissão nas Universidades é limitada. Quanto a entrarem para o Partido Comunista, nem se pensa nisso. Na Ucrania, em especial, podem contar-se pelos dedos os judeus que têm sido admitidos no Partido depois do fim da guerra.

No Exercito é pior ainda, porque o anti-semitismo não se reveste de disfarce algum. Tive occasião de falar a esse respeito com um coronel russo que me declarou sem rodeios, brutalmente: «Hitler mandos matar muitos judeus. Nós nos encarregaremos de exterminar o resto.»

Não era uma opinião pessoal, repare-se bem. Quase todo o Exercito Vermelho pensa assim. E o Governo soviético tolera esse anti-semitismo, o que é significativo num pais em que o Estado pensa por todos, e não dá aos outros o direito de pensar.

É possível que Moscovos veja no anti-semitismo uma maneira como qualquer outra de ocupar os espiritos. Enquanto os russos gritam «Jidés não pensam na sua miséria e têm uma válvula de escape para o seu descontentamento. E é o que convém ao Kremlin.»

Mas os judeus sentem-se indiguados. Muitos deles, que tinham aderido ao Partido de boa-fé e lhe davam o seu apoio total, sentem-se indiguados. E isso já não representa vantagem para o Kremlin porque, num Partido em que há sem duvida muita dedicacão cega e força bruta, os judeus representam o escol da intelligencia.

M. M. Justo
Rua de S. Lázaro, 137, 1.ª e 2.ª

organiza simbolicamente, que a palavra é por natureza simbólica como qualquer outra forma de comunicação, que a vida social é só possível em função de simbolos irplicitos ou explicitos, etc., necessário é saber, antes de mais, que qualidade deve ter o simbolo para tornar artisticas as obras do homem.

Se a característica geral do simbolo consiste em apontar para qualquer coisa que nele não está, se o simbolo não fica nunca em si, se é sempre convidativo de transcendência, para que dominio transcendente nos pretende mover o simbolo artistico? A resposta é aparentemente fácil: para o Belo. Ou de outra for: o simbolo que dá sentido á obra de arte aponta e arremessa o homem para a contemplação do Belo de que ele é capaz.

Mas o problema está longe de ser resolvido com tal formulação. Dessa forma parece que a obra de arte perde a dignidade de ser por si, que alguns teóricos e artistas lhe pretendem attribuir e talvez com bom fundamento. Não teria também ser em si, pois seria apenas aceno para algo mais ou menos longínquo. Só lhe restaria a possibilidade de «ser-par», isto é, acto mediador entre o homem planificado na quotidianidade e o homem vigil em anseio de totalização, ou superação, ou transcendência, no instante contemplativo do Belo que a obra de arte lhe revela para mais alto o suspender.

E será necessário para isso que a obra de arte seja perfeitamente intelligível, isto é, se deixe penetrar mais ou menos docilmente por conceitos lógicos de sentido analítico? Certamente que não, pois tal exigência comprometteria gravemente a estrutura simbólica que lhe dá existência como obra de arte. O Belo não é um conceito sem uma ideia: é um valor e, portanto, reside na esfera emocional do homem. O simbolo é «motivo», isto é, arremessa, «move» o homem sem ele poder tornar intelligível o «choque» que o põe em movimento.

Tudo isto exige a formulação de uma nova estética capaz de operar nos sistemas de ideias ainda vigentes, e que foram herdados do século XVIII, com a mesma acção corrosiva que noutros dominios já se afirmou no nosso tempo. Muitas coisas novas nos deu o nosso século em resiliante e contemporaneidade, mas, quanto á estética, estamos vivendo em anacronismo espantoso. No entanto, alguma coisa nos indica nestas discussões que o novo caminho se começa a desenhlar. A repugnancia de todos pela vagueza abstracta do termo «arte» e a preferéncia tácita pela concretização expressa em «obra de arte» e muitos outros sintomas nos indicam que se tenta a aproximação do que nos falta: uma estética existencial.

O CARNAVAL

No D. Maria II
O Carnaval vem interromper, no D. Maria II, a carreira que naquella sala está fazendo «A casa de Bernarda Alba», a obra-prima de Frederico Garcia Lorca. Durante o tempo, serão á cena a insuspeitável e hilariante comédia «O Commissario de Policia», de Geravado Lobato, com Maria Matos, Ericeo Braga, Samwell Denis e Luiz Veloso nos Principais papeis.

Na Casa do Distrito do Porto

Nas noites de 7 e 8 do corrente, e dedicados aos associados e suas familias, realizam-se nos salões e sala de recepção da Casa do Distrito do Porto, que apresentação artistica luminosa e vistosa de coreografias, grandiosos ballets carnavalescos, arribalhados por exímias orquestras.

FOGO A BORDO DO «MONCHIQUE»

Hoje, cerca das 10 horas, manifestou-se incendio na casa dos bombas de navio «Monchiques», atracado á muralha sul da doca de Alcantara. Compuseram os Sapadores Bombeiros, sob a direcção do chefe Ligeiro e sub-chefe Santos, extinguiram o fogo, com o emprego de uma agulbeta.

APARELHOS DE RÁDIO
OFERECEM-SE
Tabacaria Nascimento
Rua Dona Filipa de Vilhena, 19-A